

ANTEPOSIÇÃO DE CONSTITUINTES VERBAIS, CÓPIAS E ELIPSE*

Gabriela Matos

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)

1. Introdução

No Programa Minimalista tem sido sustentada a hipótese de que há uma correlação entre elipse e cópias decorrentes de movimento de constituintes. Ambos os casos resultariam de apagamento de constituintes em Forma Fonética, sob paralelismo¹ e identidade (Chomsky & Lasnik 1993). No que diz respeito à elipse, uma entoação *low-flat* seria a propriedade fonética que distinguiria o constituinte a ser apagado (Chomsky 1995: 125-126). Por sua vez, as cópias por movimento seriam marcadas como sujeitas ao requisito de paralelismo de interpretação antes de *Spell-Out* e apagadas em Forma Fonética, onde apresentariam uma *entoação de cópia* (Chomsky 1995: 252-253).

Explorando esta convergência, alguns tratamentos propõem tratar construções classicamente analisadas como elipse em termos de movimento (e.g. Johnson 2001, 2009), enquanto outros admitem que construções de movimento podem apresentar múltiplas cópias não apagadas em Forma Fonética (Nunes 2004, Martins 2006, Bošković & Nunes 2007), análogas a expressões redundantes alvo de elipse.

* Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (projecto PEst-OE/LIN/UI0214/2013).

¹ Com base em exemplos como (i), em que o primeiro termo da coordenação é ambíguo, Chomsky e Lasnik (1993) assumem a existência de um requisito de paralelismo, que obriga a que o constituinte suprimido seja interpretado como na frase antecedente. Por exemplo, em (i), se “a cat” for interpretado como não-específico no primeiro termo coordenado, também o é no segundo.

(i) John said that he was looking for a cat, and so did Bill [~~say that he was looking for a cat~~].

Há, no entanto, propriedades que parecem distinguir a elipse das cópias de movimento. Como vários autores fizeram notar, em elipse o termo omitido pode não ser estritamente igual ao seu antecedente, de modo a ser compatível com o contexto linguístico local em que ocorre, ou pode mesmo, nalguns casos, não ter um antecedente linguístico expresso e o seu conteúdo ser recuperado discursivamente (e.g. Hankamer & Sag 1976, Fiengo & May 1994, Matos 1992, 2003). Relativamente à Elipse do Sintagma Verbal, vejam-se, por exemplo, os casos ilustrados em (1), em que o antecedente ocorre na voz activa e o constituinte elíptico é interpretado como passivo e vice-versa (e.g. Merchant 2013:79). A condição que regula a elipse é, pois, a não-distintividade e não a identidade estrita:

- (1) a. There was really no one at the meeting who could answer the question the way it should be ~~answered~~.
 b. The system can be used by anyone who wants to ~~use it~~.

Pelo contrário, as cópias apagadas de movimento são tipicamente consideradas como idênticas aos constituintes movidos. Porém, alguns autores (e.g. Bastos 2001, Bošcović & Nunes 2007) admitem a possibilidade de as cópias verbais múltiplas lexicalmente realizadas apresentarem formas diversas, uma flexionada com marcas de modo, tempo, pessoa e número e outra na forma não marcada do verbo, no português o infinitivo.

Neste trabalho será desenvolvido o estudo das construções de elipse do sintagma verbal e de anteposição para a posição de tópico de constituintes envolvendo o verbo, nomeadamente as construções de Topicalização do Sintagma Verbal (2) e de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos (3), inicialmente analisadas em Matos (1992) para o português europeu. Como mostra a continuação das frases em (4), ambas as construções exibem frequentemente um valor contrastivo, característico das construções de tópicos marcados no português.

- (2) Visitado os amigos ultimamente, a Maria tem!
 (3) Visitar os amigos ultimamente, a Maria visitou!
 (4) a. Visitado os amigos ultimamente, a Maria tem; estudado é que não.
 b. Visitar os amigos ultimamente, a Maria visitou, mas só o fez porque foi obrigada.

A construção de Topicalização do Sintagma Verbal (cf. (2) e (4a)) caracteriza-se pelo facto de um constituinte verbal não-finito e os seus complementos e adjuntos, no caso de existirem, serem deslocados para a periferia esquerda da frase, deixando *in situ* um constituinte nulo legitimado pelo verbo auxiliar que o selecciona. O movimento do sintagma verbal é classicamente uma propriedade que distingue esta construção de Elipse do

Sintagma Verbal, em que se assume que existe omissão de constituintes basicamente gerados.

Por seu turno, a Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos (cf. (3) e (4b)) é um caso específico das construções de tópico marcado, que envolve a repetição do verbo principal da frase no constituinte anteposto. O verbo no constituinte anteposto ocorre no infinitivo e na frase a que se antepõe numa forma flexionada.

A Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos foi detalhadamente estudada por Bastos (2001), que confronta o comportamento do exemplo (3) de Matos (1992) com os dados do português brasileiro, fazendo notar que existe mais de uma estratégia de anteposição de constituintes infinitivos: uma estratégia de Anteposição de Verbo Infinitivo isolado, ilustrada em (5), e duas estratégias de Anteposição do Verbo Infinitivo e dos seus complementos, ilustradas em (6), que diferem entre si pelo valor eventivo específico (6a) ou genérico (6b) dos argumentos do sintagma verbal infinitivo e da frase a que está anteposto:

- (5) *Emprestar*, o João só emprestou a caneta para a Maria.
- (6) a. *Emprestar a caneta para a Maria*, o João emprestou, mas ele já pediu de volta.
- b. *Vacinar cachorro*, todo o veterinário vacina.

No português europeu é possível encontrar correlatos dos exemplos (5) e (6), como mostra (7). Contudo, nesta variedade do português, estas construções não parecem exibir algumas das características que lhes foram atribuídas por Bastos (2001) no português brasileiro.

- (7) a. *Emprestar*, o João só emprestou a caneta à Maria.
- b. *Emprestar a caneta à Maria*, o João emprestou...
- c. *Vacinar cães*, todos os veterinários vacinam.

Assim, o presente trabalho tem por objectivos estudar as propriedades de Elipse de Sintagma Verbal e de Topicalização do Sintagma Verbal e os aspectos que aproximam ou afastam Topicalização do Sintagma Verbal de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos. Será desenvolvida uma análise comparativa das construções de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos em português europeu e brasileiro, tendo em vista a aproximação entre cópias verbais realizadas resultantes de movimento e inserção básica de ocorrências verbais independentes com o mesmo valor denotativo.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: na secção 2 será discutida a proposta de Johnson (2001) de derivar Elipse do Sintagma Verbal de Topicalização do Sintagma Verbal. Na secção 3 serão expostos os argumentos de Matos (1992) para distinguir Topicalização do Sintagma Verbal

de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos. Na secção 4, serão apresentadas as propostas de Bastos (2001) para construções de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos em português brasileiro. Tendo como ponto de referência o trabalho de Bastos, a secção 5 desenvolverá para o português europeu a análise de Anteposição de Constituintes Infinitivos. A secção 6 apresentará uma súmula dos principais resultados da análise efectuada.

2. Topicalização e elipse do sintagma verbal

Na presente secção serão confrontadas as propriedades de Elipse do Sintagma Verbal (Verb Phrase Ellipsis=VPE) e de Topicalização do Sintagma Verbal (Verbal Phrase Topicalization=VPT) em inglês e em português.

2.1. A hipótese de redução VPE a VPT

Johnson (2001) propõe que a Elipse do Sintagma Verbal (=VPE) em inglês seja derivada a partir de Topicalização do Sintagma Verbal (=VPT) (cuja cópia assinala com “t” (cf. (8))). O autor argumenta que as condições de legitimação de ambas as construções são muito semelhantes, nomeadamente ambas podem ser legitimadas por um auxiliar (cf. (8a-c) para VPT e (9a-c) para VPE) ou pelo marcador de infinitivo *to* (cf. para VPT (8d), e para VPE (9d)):

(8) VPT

Madame Spanella claimed that

- a. eat rutabagas, Holly wouldn't t.
- b. eaten rutabagas, Holly hasn't t.
- c. eating rutabagas, Holly should be t.
- d. eat rutabagas, Holly wants to t.

(Johnson 2001: 444)

(9) VPE

- a. Jane doesn't eat rutabagas and Holly doesn't _ either.
- b. Jane wouldn't eat rutabagas and Holly wouldn't _ either.
- c. Jane hasn't eaten rutabagas and Holly hasn't _ either.
- d. John is considering eat rutabagas and Holly definitely wants to _.

(Johnson 2001: 440)

Na ausência desses núcleos legitimadores, os resultados obtidos são inaceitáveis:

- (10) VPT (Johnson 2001:444)
 Madame Spanella claimed that
 a. *eat rutabagas, Holly t.
 b. *eaten rutabagas, Holly t.
 c. *eating rutabagas, Holly started t.
- (11) VPE
 a. I can't believe Holly Golightly won't eat rutabagas. I can't believe Fred won't _ either.
 b. * I can't believe Holly Golightly won't eat rutabagas. I can't believe Fred _ either. (Johnson 2001:439)
 c. *Sally Tomato started running down the street, but only after José started _ . (Johnson 2001:440)

Partindo deste paralelismo, Johnson levanta a hipótese de que, para um sintagma verbal ser omitido, ele deve previamente ser topicalizado. O autor apoia-se na evidência de Lobeck (1987) de que VPE legitimada por *to* infinitivo pode ocorrer em frases complemento do verbo (cf. (9d)), mas está excluída de domínios ilha. Os exemplos seguintes ilustram os casos das ilhas de Frase Adjunto e de Sujeito frásico:

- (12) a. ??Ron wanted to be wearing a tuxedo to the party, but Caspar didn't know whether to _ .
 b. *You shouldn't play with rifles because to \emptyset is dangerous.

Segundo Johnson, a hipótese de redução de VPE a VPT daria directamente conta das diferenças de comportamento entre os casos de VPE envolvendo frases finitas e infinitivas, uma vez que as frases infinitivas não admitem topicalização e, consequentemente, os sintagmas verbais topicalizados não podem ocorrer.

No entanto, Johnson faz notar que esta hipótese não explica por que razão há diferenças entre a legitimação de VPE e de VPT, nomeadamente porque é que VPE em inglês não é legitimada por verbos com o sufixo *ing* (13a), que pode legitimar VPT (13b):

- (13) a. *Doc Golightly is being discussed and Sally is being _ too.
 b. ?Madame Spanella claimed that discussed widely, Holly is being t.

Para além deste problema, a proposta de Johnson (2001) apresenta outros. Em primeiro lugar, não parece poder prescindir de uma abordagem de VPE como elipse. Com efeito, Johnson assume que o conteúdo do local elíptico é recuperável a partir do discurso. Porém, admitindo que VPE deriva de VPT, põe-se a questão de saber como e quando é que o tópico de VPE é apagado. Consideremos um exemplo como (9a), repetido em (14a).

De acordo com uma primeira hipótese, o VP seria inserido lexicalmente realizado (14b), sendo seguidamente alvo de VPT, que deixaria uma cópia no seu local original, marcada por “t” em (14c); posteriormente, o tópico do sintagma verbal seria apagado por identidade com o VP da frase antecedente (14d).

- (14) a. Jane doesn't eat rutabagas and Holly doesn't _ either.
 b. [Jane doesn't eat rutabagas] and [TP Holly doesn't [VP eat rutabagas either]]
 c. [Jane doesn't eat rutabagas] and [TopP eat rutabagas [TP Holly doesn't [VP t either]]]
 d. [Jane doesn't [VP eat rutabagas]] and [TopP ~~eat rutabagas~~ [TP Holly doesn't t either]]
 ([VP eat rutabagas] => [TopP ~~eat rutabagas~~ [TP ...]])

Alternativamente, adoptando uma segunda hipótese, VPE seria inserida sem realização lexical, sendo subseqüentemente alvo de VPT e deixando uma cópia na sua posição original, como ilustrado em (15b) e (15c):

- (15) a. Jane doesn't eat rutabagas and Holly doesn't _ either.
 b. [Jane doesn't eat rutabagas] and [TP Holly doesn't \emptyset either]
 c. [Jane doesn't eat rutabagas] and [TopP \emptyset [TP Holly doesn't t either]]
 ([VP eat rutabagas]_i => [TopP \emptyset _i [TP ...]])

Em suma, em ambos os casos, o conteúdo de VPT teria de ser fornecido por um antecedente prévio, como nas análises clássicas de VPE.

Uma outra objecção se levanta à análise de Johnson: diferentemente de VPT, VPE em frases finitas não é sensível a ilhas, como veremos na próxima subsecção.

2.2. VPE como distinto de VPT

Considerando o português europeu, e restringindo a análise às situações em que o constituinte omitido é legitimado por verbos principais, Raposo (1986) refere que VPE nesta língua é insensível a contextos de ilha, Baseia-se em exemplos como (16), em que o sintagma verbal omitido, *[[t] \emptyset ~~dinhe~~ ~~o~~ ~~Manet~~]*, se encontra numa ilha de frase relativa (note-se que “t” corresponde ao verbo movido para o núcleo funcional de frase). O autor mostra que esta insensibilidade a ilhas é uma propriedade que distingue VPE de Objecto Nulo (17), construção analisada por Raposo, na esteira de Huang (1984), como um caso de Topicalização, em que na periferia esquerda da frase ocorre um tópico nulo, cujo conteúdo é discursivamente recuperado:

(16) VPE

A Maria entregou o dinheiro ao Manel, mas eu sei de algumas pessoas que nunca teriam entregue _.

(17) Objecto Nulo

a. O rapaz trouxe _ agora mesmo da pastelaria.

b. *O rapaz que trouxe _ agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.

Matos (1992) alarga esta análise aos casos em que VPE em português europeu é legitimada tanto por verbos principais como por auxiliares e semi-auxiliares e demonstra que, em todos os casos, VPE não é sensível a ilhas; vejam-se os exemplos em (18)-(20):

(18) a. O João não tem visitado os amigos ultimamente, mas a Maria conhece [_{DP} um rapaz que tem _]

b. P: Alguém tem visitado os amigos ultimamente?

R: Sim. Conheço [_{DP} um rapaz que tem _]

(19) a. Que a Maria tem visitado os amigos é óbvio e [_{TP} [_{CP} que o João não tem _] também o é]

b. P: Alguém tem visitado os amigos ultimamente?

R: Sim. [_{TP} [_{CP} Que a Maria tem _] é por demais evidente]

(20) a. O João só teria visitado os amigos [_{CP} se o João também tivesse _]

b. P: Alguém tem visitado os amigos ultimamente?

R: [_{CP} Se alguém tem _], esse alguém não sou eu.

A autora mostra que, pelo contrário, Topicalização do Sintagma Verbal em português europeu produz efeitos de ilha, como ilustrado em (21) – Ilha do DP Complexo com frase relativa em (21b), Ilha do Sujeito Frásico em (21c) e Ilha da Frase Adjunto em (21d).

(21) a. Visitado os amigos ultimamente, a Maria tem t.

b. *Visitado os amigos ultimamente, a Maria conhece [_{DP} um rapaz que tem t].

c. *Visitado os amigos ultimamente, [_{TP} [_{CP} que a Maria tem t] é evidente].

d. *Visitado os amigos ultimamente, [_{CP} se a Maria tem t] fico mais tranquila.

Consequentemente, Matos assume que em VPE o constituinte elíptico envolve omissão de material basicamente gerado, ainda que numa língua como o português europeu, que exhibe movimento do verbo flexionado (auxiliar ou principal) do sintagma verbal para uma projecção funcional frásica, esteja incluída a cópia do verbo no material alvo de elipse:

- (22) a. A Maria entregou o dinheiro ao Manel e a Ana também [_T entregou]_i [_{VP} t_i [~~dinheiro~~] [~~ao Manel~~]]
 b. O Pedro tem estudado para o exame e a Ana também [_T tem]_j [_{VP} t_j [_{VP} ~~estudado para o exame~~]]

Adaptando a versão do Princípio da Categoria Vazia alargado proposta por Rizzi (1986), o tratamento de VPE apresentado em Matos (1992) faz apelo à legitimação do sintagma verbal elíptico por regência de núcleo, efectivada por um núcleo funcional frásico local, de natureza verbal, lexicalmente preenchido.

Em trabalhos posteriores, esta análise é reformulada no quadro do Programa Minimalista. Assim, Cyrino & Matos (2005) assumem que a legitimação do constituinte elíptico em VPE ocorre quando um elemento com traços-v lexicalmente realizado instancia o núcleo funcional que é combinado (*merged*) com o vP elíptico e o c-comanda localmente.

Aceitando esta análise, VPE diverge de VPT, uma vez que em VPE os elementos do VP (à excepção do verbo em (22a)) não foram movidos, enquanto em VPT o constituinte omitido é a cópia resultante do movimento de todo o VP, como mostra (23), em que t_{VP} representa a cópia do VP movido por Topicalização do VP:

- (23) [_{VP} Estudado matemática], o Pedro_j [_T tem]_k [[_{Vaux} t_k] [_{VP} t_j [_{VP} t_{VP}]]]

Do mesmo modo, considerando o inglês, Aelbrecht & Haegeman (2013) fazem notar que não é possível derivar VPE de VPT, uma vez que se prediria erradamente que seriam ilícitos nos mesmos contextos. Em particular, em frases finitas VPE pode ocorrer em domínios ilha em inglês, como ilustrado em (24a) para a Ilha-Wh e em (24b) para a Ilha do DP complexo com completivas de nome:

- (24) a. I knew that some students presented this article in my class but I couldn't recall which of the students didn't __.
 b. He made the claim that he did __.

Assim, Aelbrecht e Haegeman atribuem as diferenças de comportamento entre VPE e VPT ao facto de VPT envolver movimento, ao contrário de VPE.

Para captar as semelhanças entre VPE e VPT, as autoras propõem, em alternativa à análise de movimento, retomar a versão do Princípio da Categoria Vazia Alargado de Rizzi (1986), segundo o qual todas as categorias nulas, cópias de movimento, *pro* e elipses, obedeceriam à mesma restrição sintáctica, a legitimação por núcleo. Aelbrecht e Haegeman elaboram esta proposta no quadro minimalista, compatibilizando-a com a hipótese de

Merchant (2001) de que a elipse é desencadeada por um traço E. De acordo com a sua proposta, VPE é legitimada por uma relação de Concordância (*Agree*) entre o traço E no núcleo do legitimador da elipse e o núcleo do seu complemento elíptico e a mesma relação legitima VPT. A relação de Concordância faria com que o sintagma verbal inicial não fosse pronunciado (Aelbrecht & Haegeman 2013)².

Em suma, a proposta de Aelbrecht & Haegeman (2013) para VPE e as de Matos (1992) e Cyrino & Matos (2005) apresentam pontos de contacto evidentes, na medida em que assumem que tanto VPE como VPT são legitimadas por núcleo e mostram que VPE não é uma construção de movimento.

3. Topicalização do sintagma verbal e Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos

Nesta secção serão expostos os argumentos de Matos (1992) para distinguir Topicalização do Sintagma Verbal de Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos em português europeu.

Como vimos, Topicalização do Sintagma Verbal em português europeu envolve movimento de constituintes. Nos exemplos em (21) e (25a), o constituinte movido em VPT é complemento do auxiliar *ter* dos tempos compostos. Porém, em VPT podem surgir outros auxiliares: em (25b), VPT ocorre com o auxiliar do progressivo *e*, em (25c), com o da passiva:

- (25) a. Ido ao cinema nos últimos meses, o Paulo tem t! Não tem é gostado dos filmes que vê.
b. A estudar para os exames, o Pedro tem estado t. Qual o resultado que vai obter, isso, ignoramos.
c. Requisitados pelos alunos, esses livros são t, mas só na altura dos exames.

Estes casos adicionais confirmam a sensibilidade desta construção a domínios ilhas. Assim, tal como os exemplos (21b)-(21d) com o auxiliar dos tempos compostos, também os seguintes com o auxiliar progressivo *e* e o da passiva são mal formados.

- (26) a. *A estudar para os exames, a Maria conhece os colegas que estão t
b. */??A estudar para os exames, que a Maria esteja t é duvidoso.
c. *A estudar para os exames, a Maria trabalhava na biblioteca quando estava t.

² Deixo em aberto a possibilidade, ou não, de adopção desta análise para VPE e VPT em português europeu.

- (27) a. *Requisitados pelos alunos, o bibliotecário indicou-nos os livros que são t
 b. */??Requisitados pelos alunos, que esses livros são t é notório.
 c. *Requisitados pelos alunos, a bibliotecária sabia quando esses livros eram t.

Com base na sensibilidade a ilhas dos exemplos (21), Matos (1992) atribui ao constituinte nulo em VPT o estatuto de cópia-A', i.e. de categoria resultante de movimento-A'.

A construção de Constituintes Verbais Infinitivos Antepostos (28) exhibe um comportamento diverso, como mostra a aceitabilidade de (29), em que ocorrem as ilhas do DP Complexo (29a) e (29b), do Sujeito Frásico (29c) e da Frase Adjunto (29d) (Matos 1992: 195):

- (28) Visitar os amigos ultimamente, a Maria visitou.
 (29) a. Visitar os amigos, a Maria não conhece ninguém que visite.
 b. Visitar os amigos, a Maria lamenta o facto de ninguém visitar.
 c. Visitar os amigos, que a Maria visita é evidente.
 d. Visitar os amigos, se a Maria visitar fico mais tranquila.

Matos considera que exemplos como (28) comportam uma instância de eclipse do sintagma verbal, legitimada pelo verbo que sobe para T, em (28), *visitou*. O constituinte com o verbo infinitivo é gerado por inserção básica na periferia esquerda da frase como um tópico pendente. Do ponto de vista categorial, Matos (1992: 196) considera que este constituinte corresponde a uma frase infinitiva (e não a um sintagma verbal anteposto) e propõe a representação em (30), em que PRO é não obrigatoriamente controlado:

- (30) PRO visitar os amigos ultimamente, a Maria visitou [_{VP} -].

Em suma, de acordo com estes dados, Topicalização de Sintagma Verbal e Anteposição de Constituintes com Verbos infinitos são construções que envolvem constituintes antepostos diversos e comportamentos distintos em português europeu.

4. Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos em português brasileiro

Partindo do confronto entre os dados de Matos (1992) para o português europeu e os do português brasileiro, Bastos (2001) argumenta que apenas um caso de Constituinte Verbais Infinitivos Antepostos em português brasileiro se comporta como no português europeu. A autora considera a existência de três construções distintas, consoante a natureza categorial do constituinte e o tipo de geração sintáctica envolvido.

A construção de tipo 1 apresenta apenas a anteposição do verbo (31) e manifesta efeitos de ilha (32), indiciadores de geração por movimento.

- (31) a. Emprestar, o João só emprestou a caneta para a Maria.
 b. Vender, o João só vende livros usados.
 c. Emprestar, o Pedro disse que o João emprestou a caneta para a Maria.
 d. Vender, o Pedro disse que o João vendeu a casa.
- (32) a. *Emprestar, eu conheço o aluno que emprestou a caneta para a Maria (não para o Pedro)
 b. *Vender, eu tenho um amigo que vendeu a casa (não o apartamento).

A construção de tipo 2 exhibe, à primeira vista, anteposição do VP (com anteposição do verbo infinitivo e dos seus complementos (33a) e ausência do sujeito (como mostra (33b)) e exhibe sensibilidade a ilhas (34), o que leva Bastos a considerar que envolve movimento:

- (33) a. Emprestar a caneta para a Maria, o João emprestou, mas ele já pediu de volta.
 b. *O João emprestar a caneta para a Maria, emprestou (mas ...)
- (34) *Emprestar a caneta para a Maria, eu conheço o aluno que emprestou (mas...)

A construção de tipo 3, como a de tipo 2, apresenta anteposição do verbo infinitivo e dos seus complementos, tipicamente sintagmas nominais em português brasileiro (35). A insensibilidade a ilhas (36) mostra que o constituinte anteposto é directamente inserido na periferia esquerda da frase, sem ser movido.

- (35) Vender casa, o Pedro disse que o João vende.
- (36) a. Vender carro, eu tenho um amigo que vende (mas...)
 b. Doar roupa para orfanato, eu conheci uma senhora que sempre doava no Natal
 c. Precisar de ajuda, eu conheço muita gente que precisa mas não pede.

Aceitando a análise do sintagma verbal em termos da concha de Larson, Bastos (2001) considera que a ordem dos constituintes nestas duas construções, em que o verbo precede os complementos, mostra que o constituinte inserido na periferia esquerda da frase é um vP (37):

- (37) a. [_{VP} emprestar_i [_{VP} o livro t_i para a Maria]], o João emprestou _.

- b. [_{VP} [_v doar_i] [_{VP} roupa t_i para orfanato]], eu conheci uma senhora que sempre doava _ no Natal.

Segundo Bastos, as frases desta construção apresentam DPs com valor genérico, em português brasileiro tipicamente correlacionado com a presença de sintagmas nominais nus (*vacinar cães*, *doar roupa*), e um valor de imperfectividade conferido pelas formas de presente e imperfeito do verbo flexionado (35) e (36). Contudo, existem algumas frases de leitura genérica com determinantes realizados, como ilustrado em (38).

- (38) Ler o jornal eu tenho um amigo que lê todos os dias.

Para a autora há uma correlação entre o valor genérico destas construções e a ausência de movimento. Assim, assume que os dados de Matos (1992) para o português europeu decorrem do facto de esta variedade do português admitir valor genérico em constituintes nominais com determinantes realizados.

Bastos mostra que em todos os tipos de construções de anteposição de infinitivo, o constituinte anteposto é interpretado como informação dada, pelo que deve ocupar uma posição de tópico. Nestas construções, o constituinte focalizado corresponde a um argumento da frase associada:

- (39) O Pedro vendeu a casa?
 a. Vender, o Pedro vendeu O APARTAMENTO.
 b. Vender a casa, O JOÃO vendeu.

Adoptando a análise da periferia esquerda da frase de Rizzi (1997), Bastos considera que na construção de tipo 1 o verbo é movido para o núcleo de TopP, deixando como cópia explicitamente soletrada o verbo flexionado:

- (40) [_{TopP} [_{Top°} emprestar_i] [o João emprestou_i o livro para a Maria]]

Na construção de tipo 2, o movimento para TopP opera sobre o vP: este é movido por movimento remanescente para especificador de TopP, depois do movimento do sujeito do vP para especificador de TP e do movimento do verbo para T, onde ocorre flexionado. No vP deslocado para TopP (cf. (41)), estão incluídas a cópia apagada do sujeito (t_i), a cópia realizada do verbo no infinitivo (emprestar_j) e a cópia apagada do verbo que se moveu de V para v (t_j). A impossibilidade de sujeitos realizados é atribuída a esta derivação.

- (41) [_{TopP} [_{vP} t_i emprestar_j] [_{VP} o livro t_j para a Maria]] Top [_{TP} o João_i emprestou t_{vP}]]

Por sua vez, a construção de tipo 3 envolve duas instâncias distintas do mesmo verbo, cuja independência é atestada pela possibilidade de o segundo vP poder ser substituído pela expressão *fazer isso*:

(42) Varrer casa, o João *faz isso* no fim de semana.

O vP infinitivo é gerado independentemente e subsequentemente inserido em especificador de TopP. A posição de especificador de vP é ocupada por um PRO não obrigatoriamente controlado:

(43) [_{TopP} [_{vP} PRO emprestar_j [_{vP} o livro t_j para a Maria]] Top [_{TP} o João emprestou [_{vP}]]]

Baseando-se em propostas de Nunes (1999, 2004) e assumindo a Morfologia Distribuída, Bastos admite que, na construção de tipo 1, o núcleo verbal em T é excorporado e movido para Top^o, deixando uma cópia realizada em T. Os dois núcleos de palavra realizados são reanalisados em morfologia como uma única palavra, invisível para o Axioma da Correspondência Linear, que apenas vê constituintes superiores à palavra. Depois da excorporação, resultariam duas cópias, uma sem marcas de flexão e outra flexionada:

(44) [_{TopP} [_{Top^o} [termin-]], [_{TP} a Maria [_T termin- [_T -ou]] a tese]]

Alargando as propostas de Nunes para captar a construção de tipo 2, em que o constituinte que se move para especificador de TopP é um vP, e não uma palavra, Bastos admite que as formas verbais são inicialmente inseridas em VP como bases verbais nuas e associam-se às marcas flexionais de T, por movimento do verbo³:

(45) [_{TopP} [... [_v termin-] a tese]_i, [a Maria [_T -ou] [_{vP} ... [_v termin-] t_i]]]

Seguindo a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993), Bastos defende que entre a Sintaxe e a Fonologia existe uma componente morfosintáctica e morfofonológica, em que a inserção flexional opera. Nesse nível seria atribuída à base nua a forma flexional por defeito, o infinitivo, de forma a evitar que a base verbal ocorra nua. Esta análise é igualmente defendida por Bošcović & Nunes (2007).

(46) a. Terminar, a Maria terminou a tese.
b. Terminar a tese, a Maria terminou.

³ Esta análise prediz que só línguas com movimento de verbo para T, como o português, admitam esta construção com duas cópias flexionalmente distintas.

Finalmente, segundo Bastos, na construção de tipo 3, que envolve duas instâncias verbais independentes, apenas o infinitivo pode ocorrer (47a), apesar de a presença de flexões verbais distintas poder ser esperada.

- (47) a. Varrer casa, o João varre no fim de semana.
 b. *{Varre/varreu/varrendo/varrido}casa, o João varre no fim de semana.

Dado que Bastos (2001) considera que o constituinte anteposto na construção de tipo 3 é um vP, podemos deduzir que a estrutura subjacente a esta construção não difere substancialmente da de tipo 2 no tocante às formas verbais:

- (48) [_{TopP} [_{vP} varre- casa], [_{TP} a Maria [_Tvarre] [_{vP} ... [_{VP}... [_V varre-] ...]
 no fim de semana]]]

Deste modo, a mesma argumentação proposta para os casos de cópia do mesmo verbo poderá ser usada. No nível de inserção morfológica pós-sintáctica, o infinitivo invariável, a forma flexional por defeito, é inserida para que a forma verbal em Top não ocorra sem flexão verbal.

Em suma, em Bastos (2001) as construções de Anteposição de Infinitivos são maioritariamente consideradas casos específicos da construção de topicalização envolvendo movimento de constituintes. Distinguem-se da estratégia canónica de topicalização por movimento pelo facto de deixarem cópias verbais realizadas múltiplas. Apenas Anteposição de Constituintes Infinitivos com valor genérico exhibe repetição de instâncias verbais autónomas e o constituinte infinitivo é directamente inserido em tópico.

5. Constituintes infinitos antepostos em português europeu

A presente secção propõe-se ampliar as propostas de Matos (1992) tendo em conta a análise de Bastos (2001) e novos dados do português europeu. Assim, na secção 5.1 será analisada a natureza dos constituintes infinitivos antepostos em português europeu, e em 5.2 será analisado o valor destas construções.

5.1. Natureza dos constituintes infinitivos em português europeu

O português partilha com o português brasileiro a possibilidade de anteposição de constituintes infinitivos, explicitando apenas o verbo (49a), ou o verbo e os seus complementos (49b):

- (49) a. Reparar, o João só reparou o carro quando a Maria o obrigou.

- b. Reparar o carro nessa oficina, o João só reparou _ porque a Maria o obrigou.

Porém, estas construções diferem das suas contrapartidas em português brasileiro, tanto relativamente à natureza categorial da segunda construção de Anteposição de Infinitivos, como no modo de geração de ambas as construções.

Quanto à natureza categorial dos constituintes infinitivos antepostos em português europeu, a primeira construção é idêntica à do português brasileiro. Ou seja, o constituinte infinitivo corresponde a um verbo isolado na forma verbal não marcada do português, o infinitivo. Assim, o constituinte anteposto em (49) não pode alternar com formas em que ocorra o infinitivo flexionado sem ou com sujeito realizado:

- (50) a. ??Repararem, o João e a Maria só repararam o carro quando a Ana os obrigou.
 b. *Nós repararmos, só reparámos o carro quando a Ana nos obrigou.
 c. *O João e a Maria repararem, só repararam o carro quando a Ana os obrigou.

No entanto, a construção de tipo 2 do português brasileiro, envolvendo a anteposição do verbo infinitivo e dos seus complementos, não tem correspondência exacta no português europeu. Os exemplos seguintes mostram que, a par de formas verbais no infinitivo invariável (49b), podem surgir outras no infinitivo flexionado precedidas ou não de sujeitos realizados (51), o que nos leva a pensar que o constituinte anteposto em português europeu não é um vP (como proposto por Bastos para o português brasileiro), mas uma frase infinitiva:

- (51) a. Repararem o carro nessa oficina, o João e a Maria só repararam _ porque a Ana os obrigou.
 b. Nós reparamos o carro nessa oficina, só reparamos _ porque a Ana nos obrigou.
 c. O João e a Maria repararem o carro nessa oficina, só repararam _ porque a Ana os obrigou.

Em suma, os dados sugerem que na primeira construção o constituinte infinitivo anteposto é um verbo isolado, e na segunda construção uma frase infinitiva exibindo o verbo no infinitivo invariável ou no infinitivo flexionado, caso em que é admitida a ocorrência tanto de sujeito omitido como de sujeito realizado.

No que diz respeito ao modo de geração destas construções, os dados mostram que ambas envolvem inserção básica dos constituintes em TopP, quer eles correspondam à forma isolada do verbo no infinitivo, ou ao verbo e os seus argumentos. Com efeito, em português europeu estas construções não apresentam efeitos de ilha, como evidenciam as frases em (52) e (53), em que ocorrem a ilha do DP Complexo com frase relativa, a ilha do Sujeito Frásico, a ilha da Frase Adjunta e a ilha-Wh:

- (52) a. Reparar, o João tem um mecânico que só lhe reparou o carro quando ele lhe pediu insistentemente.
 b. Reparar, que o João tenha reparado o carro recentemente admira-me.
 c. Reparar, se o João reparar o carro, a Maria fica tranquila.
 d. Reparar, o Paulo perguntou onde reparou o João o carro.
- (53) a. Reparar o carro nessa oficina, o João tem um amigo que reparou _ e não pagou muito pelo serviço.
 b. Pendurar as camisas no roupeiro, que o João tenha pendurado _ voluntariamente espantou-nos a todos.
 c. Arrumar os livros nas estantes, quando o João arruma _, a casa parece vazia.
 d. Pôr o carro na garagem, o Paulo perguntou quem pôs _.

Consequentemente, admito que em ambas as construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos no português europeu, os verbos repetidos são gerados directamente em TopP nos constituintes em que ocorrem, como formas verbais independentes.

Exemplos como (52b) corroboram a ausência de movimento em Anteposição do Verbo Infinitivo em português europeu, pois evidenciam a impossibilidade de excorporação da raiz verbal de T° para Top°. Com efeito, em (52b), em T° ocorre o auxiliar dos tempos compostos, *tenha*. A intervenção deste auxiliar, impede a formação da cadeia X° que resultaria de um movimento da raiz verbal do verbo principal (*repar-*) da projecção verbal de participio passado para Top°.

Visto que as duas ocorrências do verbo são geradas independentemente, é natural que Anteposição de Verbo Infinitivo com verbos com suplementação morfológica em português europeu não apresente diferenças de aceitabilidade apreciáveis relativamente aos verbos regulares⁴:

- (54) a. Ouvir, só ouço o que me convém.

⁴ Bošcović & Nunes (2007) admitem que não podem participar nestas construções verbos que não envolvam suplementação, como, por exemplo, *ir*: **Ir, o João foi para o Brasil*.

- b. Medir, só meço as dimensões do apartamento quando preciso de comprar móveis.
- c. Pôr, ela punha os livros na pasta todos os dias, mas não ia à escola.
- d. Trazer, só te trouxe doces, porque sei que és gulosa.

Assim, esta construção em português europeu não constitui argumento a favor ou contra o seu tratamento em termos de Morfologia Distribuída ou em termos da proposta Lexicalista do Programa Minimalista.

Considerando agora a estrutura a atribuir à construção de Anteposição de Verbo Infinitivo e Argumentos, assumo que o constituinte anteposto em português europeu corresponde a uma frase infinitiva, presumivelmente um CP directamente inserido em especificador de TopP (cf. (55a)). Na frase a que se encontra anteposto o constituinte frásico infinitivo, ocorre uma instância de elipse de sintagma verbal legitimada pelo verbo flexionado movido para T:

- (55) a. [_{TopP} [_{CP} reparar o carro nessa oficina] [_{TP} o João só reparou _ porque a Maria o obrigou]]
 b. ...[_{TP} o João_i só reparou_j [_{VP} t_i t_j ~~o carro nessa oficina~~] porque a Maria o obrigou]

Como Bastos (2001) faz notar, esse constituinte elíptico pode ser parcialmente substituído por uma proforma de sintagma verbal como em (56). Porém, em português europeu essa substituição não requer que a construção de anteposição exiba argumentos genéricos e valor verbal imperfeito:

- (56) Reparar o carro nessa oficina, o João só {o fez/fez isso} porque a Maria o obrigou.

Porém, *fazer-pronome* está excluído de Anteposição de Verbo Infinitivo isolado, na medida em que esta expressão teria de co-ocorrer com os complementos do verbo infinitivo em Top, que *fazer* não selecciona:

- (57) *Reparar, o João {o fez /fez isso} o carro nessa oficina porque a Maria o obrigou.

Por último, na construção de Anteposição de Verbo Infinitivo e Argumentos, o constituinte anteposto pode exibir um sujeito omitido, um sujeito pronominal não obrigatoriamente controlado ou um sujeito realizado:

- (58) a. PRO/pro visitar os amigos ultimamente, o João visitou.
 b. pro visitarem os amigos ultimamente, eles visitaram.

- c. Eles visitarem os amigos ultimamente, pro visitaram.

Em suma, confrontando os dados do português europeu com a análise de Bastos (2001), podemos concluir que, do ponto de vista estrutural, as construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos diferem em aspectos relevantes das suas contrapartidas brasileiras.

5.2. O valor das construções de constituintes infinitivos em português europeu

Do ponto de vista da estrutura informacional, em português europeu ambas as construções de constituintes infinitivos antepostos funcionam como tópicos basicamente gerados na posição de Top^o ou de especificador de TopP, i.e. são Tópicos Pendentes (cf. Duarte 2003), e a frase a que se antepõem é interpretada como seu comentário. Assim, estes constituintes infinitivos admitem ser parafraseados por expressões como *quanto a ...*, como mostram os exemplos em (60) e (62):

- (59) a. Reparar, o João só reparou o carro quando a Maria o obrigou.
 b. Emprestar, o João só emprestou a caneta à Maria porque ela pediu insistentemente.
 c. Visitar, a Ana nunca visita a família, mas visita os amigos.
- (60) a. Quanto a reparar, o João só reparou o carro quando a Maria o obrigou.
 b. Quanto a emprestar, o João só emprestou a caneta à Maria porque ela pediu insistentemente.
 c. Quanto a visitar, a Ana nunca visita a família, mas visita os amigos.
- (61) a. Reparar o carro nessa oficina, o João só reparou quando a Maria o obrigou.
 b. Emprestar a caneta à Maria, o João só lha emprestou porque ela pediu insistentemente.
 c. Visitar a família, a Ana nunca visita, mas visita os amigos.
- (62) a. Quanto a reparar o carro nessa oficina, o João só reparou quando a Maria o obrigou.
 b. Quanto a emprestar a caneta à Maria, o João só lha emprestou porque ela pediu insistentemente.
 c. Quanto a visitar a família, a Ana nunca visita, mas visita os amigos.

Quanto ao valor global das construções de Anteposição de constituintes infinitivos (cf. secção 4), Bastos distingue os dois primeiros tipos, quer envolvam apenas a anteposição do verbo ou a anteposição do verbo e dos

seus complementos, do terceiro tipo, que se diferenciaria do segundo pelo facto de não manifestar efeitos de ilha e ter argumentos com valor genérico e valor imperfectivo. Como vimos na secção 5.1, no português europeu, diferentemente ao sugerido por Bastos, não há correlação entre ausência de efeitos de ilha e o valor genérico e imperfectivo, como mostra (63), em que os exemplos (49b) e (53a) são retomados:

- (63) a. Reparar o carro nessa oficina, o João só reparou porque a Maria o obrigou.
b. Reparar o carro nessa oficina, o João tem um amigo que reparou _ e não pagou muito pelo serviço.

Em (63), a frase comentário associada ao constituinte anteposto tem um valor télico: denota um evento que ocorreu num momento específico do tempo (um processo culminado). Assim, em (63a), por exemplo, afirma-se que a reparação do carro numa determinada oficina se verificou num momento determinado, na sequência de uma causa específica.

Porém, no constituinte anteposto, esse valor télico não parece estar presente. O infinitivo tem um valor aspectual neutro (Oliveira 2013: 547), mas quanto ocorre nas construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos como tópico, tópico pendente no caso do português europeu (vejam-se as paráfrases em (62)), apresenta um valor atélico. Deste modo, admito que em qualquer das construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos, quer exibam apenas o verbo ou não, o constituinte anteposto denota um evento não situado num momento específico do tempo.

- (64) a. Reparar, o João
b. Reparar o carro nessa oficina, o João ...

Ao valor atélico do Constituinte Infinitivo Anteposto pode ocasionalmente associar-se um valor genérico de argumentos do verbo em tópico (65) ou na frase comentário (66):

- (65) Vacinar cães, todos os veterinários vacinam.
(66) Errar, todo o homem erra.

Em suma, nas construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos, o constituinte anteposto apresenta sempre um valor atélico. Assumo que este facto está correlacionado com a presença do infinitivo e a sua função como tópico (pendente).

6. Conclusões

No presente estudo foram analisadas construções de anteposição de constituintes verbais no português europeu, em termos das estratégias de topicalização com movimento de constituintes e de tópicos pendentes com inserção directa dos constituintes na posição de TopP.

O nosso ponto de partida foi a determinação das propriedades de Topicalização do Sintagma Verbal. A investigação empreendida mostrou que não há argumentos em inglês e português que favoreçam a identificação de Topicalização do Sintagma Verbal, enquanto construção de movimento, e Elipse do Sintagma Verbal.

Distinguiu-se em português europeu as construções de Topicalização de Sintagma Verbal, com movimento do VP, e Anteposição de Constituintes Infinitivos, com repetição de uma forma do verbo na frase comentário. A distinção entre os dois tipos de construções teve como base o seu comportamento face a efeitos de ilha.

À Anteposição de Constituintes Verbais Infinitivos, vimos que correspondem no português europeu duas construções distintas: Anteposição do Verbo Infinitivo isolado, inicialmente referida para o português brasileiro em Bastos (2001), e a construção de Anteposição de Verbo Infinitivo e Argumentos, assinalada em Matos (1992). Na primeira destas construções, o verbo infinitivo ocorre isolado no núcleo de TopP e a frase comentário exhibe todos os constituintes lexicalmente realizados. Na segunda construção, o constituinte anteposto pode ser seguido de uma frase comentário que exhibe Elipse do Sintagma Verbal, uma construção de elipse distinta de Topicalização de Sintagma Verbal.

Em português europeu qualquer das construções de Anteposição de Constituintes Infinitivos é interpretada discursivamente como uma construção de tópico pendente, cujo tópico exhibe um valor atélico.

Referências

- Aelbrecht, Lobke & Liliana Haegeman (2012) VP-Ellipsis is not licensed by VP-Topicalization. *Linguistic Inquiry*, 43(4), pp. 591-614.
- Bastos, Ana (2001) *Fazer, faço eu!* Topicalização de constituintes verbais em português brasileiro. Tese de Ma. Universidade Estadual de Campinas.
- Bošković, Željko & Jairo Nunes (2007) The copy theory of Movement: a view from PF. In Norbert Cover & Jairo Nunes (eds.) *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 13-74.
- Chomsky, Noam (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, Noam & Howard Lasnik (1993) The Theory of Principles and Parameters. In Joachim Jacobs, Arnim von Stechow, Wolfgang Sternefeld &

- Theo Vennemann (eds.) *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin/New York: Walter de Gruyter. [Artigo incluído em Chomsky 1995, pp.13-127].
- Cyrino, Sonia & Gabriela Matos (2005) Cyrino, Sonia & Gabriela Matos (2005) "Local licensors and recovering in VP ellipsis". *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), pp. 79-112.
- Duarte, Inês (2003) Frases com tópicos marcados. In Mateus, Mateus, M^a Helena, Ana M^a Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário & Alina Villalva, *Gamática da Língua Portuguesa*, 5^a edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 489-506.
- Fiengo, Robert & Robert May (1994) *Indices and Identity*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Hankamer, Jorge & Ivan Sag (1976) Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry*.7(3), pp. 391-426.
- Huang, James (1984) On the Distribution and Reference of Empty Pronouns, *Linguistic Inquiry* 15, pp. 531-574.
- Johnson, Kyle (2001). What VP-ellipsis can do, and what it can't, but not why. In Mark Baltin & Chris Collis (eds.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell.
- Johnson, Kyle (2009). Gapping isn't (VP) Ellipsis". *Linguistic Inquiry* 40(2), pp. 289-328
- Merchant, Jason (2001) The Syntax of Silence – *Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.
- Merchant, Jason (2013) Voice and ellipsis. *Linguistic Inquiry*, 44(1), pp. 77-108.
- Martins, Ana Maria (2006) Emphatic Affirmation and Polarity: Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish and Catalan. In Jenny Doetjes & Paz González (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp.197-223.
- Matos, Gabriela (1992) *Construções de eclipse do predicado em português: SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela (2003) Construções elípticas. In Mateus, M^a Helena, Ana M^a Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário & Alina Villalva, *Gamática da Língua Portuguesa*, 5^a edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 869-913.
- Lobeck, Anne (1987) Syntactic constraints on VP ellipsis. IULC: Indiana, Bloomington.
- Nunes, Jairo (1999) Linearization of chains and phonetic realization of chain links. *Working Minimalism*.
- Nunes, Jairo (2004) *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Massachusetts: The MIT Press.
- Raposo, Eduardo (1986) On the Null Object in European Portuguese. In Osvaldo Jaeggli & Carmen Silva-Corvalán. *Studies on Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris Publications.
- Rizzi, Luigi (1986) Null Objects in Italian and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry* 17(3), pp. 501-557.
- Rizzi, Luigi (1997). The fine structure of the left periphery. Rizzi, In Haegeman, Lilian (ed.) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, pp. 63-90.